

Nina Rizzi – Demmens

você me pegava as mãos quando eu menos esperava. e eu nunca via mais que um dostoiévski em teus lábios. teus e não seus.

o que diziam nossas veredas bifurcadas? uma senda entre teus nimbos-nimbos e meus cirros. branco, breu. caminhávamos, ladoalado caminhávamos e ria que eu poda cair. e eu ria que podia me segurar. e ríamos de quem nos chorava o medo.

eu podia te ver chegar. você dizia uma saudade e seus braços cruzados outra coisa, que eu não podia entender. seus lábios, seus e não teus, são cerrados pra o que não é contradição.

eu chorava. eu acordava com a media luz e chorava a sua sinceridade, não querer e querer é sempre a mesma coisa. eu chorava o seu gozo em minha língua, os desenhos das tuas mãos que tanto falavam de mim, um brinco

perdido, meus cabelos emaranhados no edredom.

aí você queria me ver nas esquinas dos mais largos bulevares, que seria um perigo eu me perder em teu buraco negro.

e tomamos caldo. você verde

eu de cebola. torradas. e eu não podia me embriagar do chileno e seco

vinho que você fazia questão de me pagar. eu não me embriagava e te via partir no metrô, ônibus, vontade. nossos lábios lábios se tocavam quase -sem-querer. nossas mãos não queriam se

desgrudar, mas não eram nossos os nossos
corpos que não se queriam e eu te via
partir e você não me via ir.

e quando eu parti você me mandou
girassóis mortos pr'eu me contentar e eu
mijei sobre eles, pensando em tua namoradinha
inglesa. e eu sou mediterrâneo-africana.
depois, faminta da tua ausência e miséria, comi, tua
lembrança, intratável.

Nina Rizzi, tambores pra n'zinga